

O GEOTURISMO EM ESPAÇOS SAGRADOS DE MINAS GERAIS

GEOTOURISM AT SOME SACRED SPACES OF MINAS GERAIS

Rose Lane Guimarães^I, Luiz Eduardo Panisset Travassos^{II}, Lana Iracy Duarte da Cunha^I, Úrsula Ruchkys de Azevedo^{III}, Mayana Vinti^I

- (I) Bolsista da FAPEMIG – Projeto Patrimônio Geológico e Geoconservação no Quadrilátero Ferrífero.
- (II) Laboratório de Estudos Ambientais do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas/Seção de História da Espeleologia e Comissão de Antropoespeleologia da SBE.
- (III) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Projeto Patrimônio Geológico e Geoconservação no Quadrilátero Ferrífero.

Contatos: luizpanisset@uol.com.br; tularuchkys@yahoo.com.br

Resumo

O texto apresenta e discute alguns exemplos de espaços sagrados em Minas Gerais e sua importância para o Geoturismo regional ou nacional. Por meio de estudos de caso discute a associação entre o geoturismo e o turismo cultural religioso desenvolvido em montanhas, cavernas e minas subterrâneas. Os autores descrevem o processo histórico-cultural por meio do qual estes espaços foram sacralizados e transformados em lugar de manifestação da fé, externalizada por romarias, missas e procissões, entre outras festas religiosas. Nestes casos, além do valor religioso estes espaços apresentam também valor paisagístico, representado pelas rochas, relevo, clima, vegetação e solos. Dessa forma, são foco não apenas do turismo religioso, mas também, de outros segmentos do turismo ligados à natureza e à cultura que os caracterizam. Entre estes segmentos está o geoturismo que, baseado nas características geológicas do território propõe, com o auxílio da interpretação, o uso sustentável do território e o desenvolvimento sócio-econômico e cultural de suas comunidades.

Palavras-chave: Geoturismo; Espaços Sagrados; Montanhas; Cavernas; Minas.

Abstract

The paper presents and discusses some examples of sacred spaces in Minas Gerais and its importance to the regional or national Geotourism. Based on case studies it discusses the association between the geotourism and cultural tourism in its religious dimension, developed in mountains, caves and underground mines. The authors describe the historical and cultural processes which these spaces are made sacred and processed as expressions of faith. They are externalized by pilgrimages, masses, processions, and other religious celebrations. In some cases, beyond the religious value, these spaces can also have the landscape value, represented by rocks, topography, climate, vegetation and soils. These sites are focused not only for the religious tourism, but also to other segments of tourism related to nature and culture. Between these segments there is the geotourism which proposes the sustainable usage and the socio-economic and cultural development of the territory and their communities.

Keywords: Geotourism; Sacred Space; Mountains; Caves; Mines.

Eixo temático: Religião e Religiosidade

Recebido em: 01.dez.2009

Enviado para avaliação em: 01.dez.2009

Aprovado em: 17.dez.2009

Introdução

O setor turístico possui diversos segmentos que variam conforme o tipo de atividade desenvolvida nas viagens. Ao viajar, um indivíduo ou grupo social são motivados por razões distintas. Assim, considera-se que o motivo ou a razão para se realizar uma viagem, entretanto, é o principal meio disponível para se segmentar esse tipo de mercado. Em relação a esta segmentação é possível identificar o turismo cultural, o religioso, de eventos, histórico, esportivo, geoturismo e espeleoturismo, entre outros. Para caracterizar os elementos que motivam as viagens, faz-se necessário compreender os conceitos de *espaço* e *lugar*.

Para o campo da Geografia, *espaço* e *lugar* são termos muito comuns, especialmente no estudo da relação *homem x meio*. O *espaço* pode ser considerado como qualquer parte da superfície terrestre construída e organizada pelo homem ao longo da história. É a base física, indispensável para a vida do homem, onde ocorrem as manifestações das realizações humanas. Observa-se que é algo dinâmico, ou seja, em permanente transformação e movimento. Pode ser considerado um produto histórico, econômico e cultural, de certa forma, bem definido (Guimarães et al., 2007).

Para Tuan (1983), quando o *espaço* passa a ser intimamente conhecido pelo indivíduo e recebe valores e significados, ele se transforma em *lugar*. Ao se relacionar com o meio, o indivíduo tende a criar uma identidade e um sentimento de pertencimento. Constrói, assim, laços afetivos. Dessa forma, o *lugar* é o resultado de sensações e experiências vividas por uma pessoa. São, portanto, representações mentais importantes para a compreensão de comportamentos ambientalmente corretos ou não de um grupo social.

Um exemplo disso pode ser observado no trabalho de Brito (2008). Sob essa ótica, o autor identifica as montanhas como lugares cheios de significados. São, por isso, tidas como lugares especiais que carregam valores que ultrapassam a simples existência física de suas formas naturais. As inúmeras representações a respeito dessas feições naturais são inspiradas tanto pela sua imagem no horizonte (captada pela percepção visual

das pessoas), como pela sua imagem simbólica de morada do bem ou do mal.

No Brasil, é possível encontrar vários exemplos de montanhas com designações que as relacionam ao mal: é possível identificar a Agulha do Diabo, na Serra dos Órgãos e os morros do Diabo, localizado em São Paulo e em Anhangava, no Paraná. Este último tem seu nome originário do tupi, que significa "*morada do espírito mau*" ou do "*diabo*" (Brito, 2008).

Ainda segundo Brito (2008), ao reconhecer a montanha como o último reduto da natureza maléfica e mágica, o ser humano sente a necessidade de dominá-la. O hábito de fixar cruzeiros no ponto mais alto das montanhas por todo o mundo, busca destacar seu controle simbólico e espiritual sobre tais feições topográficas. Uma cruz, por exemplo, visa atribuir energias positivas, afugentar possíveis entidades ou seres nocivos, bem como combater a associação desses com tais espaços. A imagem do Cristo Redentor constitui-se num exemplo claro dessa função. Ela demonstra a intenção de lançar, a partir do alto, uma benção protetora aos habitantes das terras que se situam abaixo dele.

Assim, os conceitos de *espaço* e *lugar* estão intimamente relacionados aos fatores que motivam as viagens. No mundo todo existem locais, sejam montanhas ou cavernas, que guardam significados sagrados transformando-se em templos para determinado grupo social. Tais locais são marcados pelas constantes peregrinações realizadas por fiéis peregrinos ao longo da evolução histórica local (Barbosa et al., 1999). Para Westwood (1995) a veneração de uma montanha é tão antiga que pode ser datada desde a pré-história. Especialmente na China, muitos adoravam (e ainda adoram) a natureza, principalmente, os rios e as montanhas. No noroeste da Espanha, o Santuário de São Tiago de Compostela, é visitado por milhares de fiéis que acreditam repousarem na Catedral, os restos mortais do Santo, filho de Zebedeu, apóstolo e primo de Cristo (Westwood, 1995).

Da mesma forma que as montanhas atraem as pessoas que as consideram sagradas, existe no mundo um grande número de cavernas associadas às religiões e utilizadas para a manifestação da fé, especialmente Católica (Guimarães, et al.,

2007). Menos comuns ou menos documentados, no entanto, são os casos relacionados aos rituais de matriz africana. Assim como os imponentes maciços rochosos, muitos desses espaços subterrâneos são venerados em diferentes civilizações por serem considerados lugares impregnados de energia.

O Geoturismo e alguns dos espaços sagrados de Minas Gerais

O termo *geoturismo*, conhecido como um segmento do turismo de natureza, começou a ser divulgado na Europa a partir de 1995. À época, isso ocorreu por meio de publicação em uma revista de interpretação ambiental. Foi, então, definido pelo pesquisador inglês *Thomas Hose* que, citado por Nascimento et al. (2007) o definiu como a

provisão de serviços e facilidades interpretativas que permitam aos turistas adquirirem conhecimento e entendimento da geologia e geomorfologia de um sítio (incluindo sua contribuição para o desenvolvimento das ciências da terra), além de mera apreciação estética. (Hose, 1995 apud Nascimento et al., 2007:1).

Por se tratar de um segmento relativamente recente, ainda são poucos os autores nacionais que tratam do assunto. O termo foi, também, definido por Ruchkys (2007) como sendo parte da atividade turística que tem o patrimônio geológico como seu principal atrativo. Seu objetivo é a busca da proteção do patrimônio por meio da conservação de seus recursos e da sensibilização do turista. Para isso espera-se o uso da interpretação do patrimônio para torná-lo acessível ao público leigo, promovendo sua divulgação e o desenvolvimento das ciências da Terra.

Por todo o mundo o uso do termo *geoturismo* pode ser vinculado ao conceito de desenvolvimento sustentável do turismo. Geralmente as atividades geoturísticas oferecem aos visitantes o acesso ao patrimônio geológico e paleontológico proporcionando o conhecimento dos aspectos naturais da região, como por exemplo, a geologia regional. A partir de então, os visitantes contemplam, compreendem e interagem com paisagem composta pelas rochas, relevo, clima, vegetação e solos.

Tal processo pode ser observado em Travassos (2009) quando identifica o uso e a função do Parque Regional de Kozjansko, Eslovênia. A interpretação religiosa de um fenômeno natural é ilustrada pelo mito de criação de uma imensa dolina (parte das trilhas geológicas do parque) que teve sua gênese atribuída a um castigo divino. Assim, observa-se que as atividades geoturísticas fomentam o desenvolvimento regional/ nacional, mantendo uma estreita relação com a educação e o patrimônio imaterial da cultura de um grupo social.

O Brasil conta com um elevado número de locais propícios à prática da atividade geoturística. Devido à sua história geológica, bem como sua extensão territorial, o país apresenta diferentes tipos de sítios geológicos, geomorfológicos, mineralógicos, paleontológicos, arqueológicos e espeleológicos passíveis de serem utilizados para tal atividade.

Alguns exemplos são mencionados por Nascimento et al. (2008) que destacam serras, picos, chapadas e afloramentos rochosos. Como exemplo, identifica-se o Pão de Açúcar (no Rio de Janeiro), as Cataratas do Iguaçu (no Paraná), os picos vulcânicos do Cabugi (no Rio Grande do Norte) e de Nova Iguaçu (no Rio de Janeiro), a Chapada Diamantina (na Bahia), a Chapada dos Veadeiros (em Goiás) e a Chapada dos Guimarães (em Mato Grosso), por exemplo.

Além de tais sítios, faz-se necessário também, o destaque às áreas cársticas nacionais que contam com um total de cerca de 4.680 cavernas. Para Ruchkys et al (2005) o estado de Minas Gerais é tido como um dos principais locais para a prática do geoturismo. A autora cita como exemplo a Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa, localizada a aproximadamente 30 km ao norte de Belo Horizonte. A região possui grande valor histórico-cultural, paisagístico e científico, sendo reconhecidamente, uma das mais importantes do país se levarmos em consideração os aspectos paleontológicos, arqueológicos e espeleológicos.

Com relação às cavidades subterrâneas artificiais, é possível afirmar que existem casos de propriedades particulares que podem ser consideradas como locais ou pontos geoturísticos. São eles a Mina da Passagem,

entre Ouro Preto e Mariana (MG) e a Mina da Brejuí em Currais Novos (RN).

Em relação aos espaços sagrados sob a ótica do turismo religioso, destaca-se sua oficialização a partir da década de 60. Desde então, tem chamado a atenção dos setores ligados à reflexão acadêmica sobre o turismo, dos empresários do setor turístico e da própria Igreja Católica. Silveira (2004) afirma que o termo é usado de forma menos científica, confundindo-se com outros termos como *romaria* e *peregrinação*, por exemplo.

Na definição oficial, de acordo com a Conferência Mundial de Roma realizada em 1960, o turismo religioso deve ser entendido como uma atividade que movimenta peregrinos em viagem pelos mistérios da fé ou pela devoção a algum Santo. Na prática, são viagens organizadas a locais sagrados ou para congressos e seminários ligados à evangelização. São também as viagens para festas religiosas celebradas periodicamente, para espetáculos e/ou representações teatrais de cunho religioso (Silveira, 2004)

Para Andrade (2004:77), o turismo religioso pode ser definido como o *“conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança, a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões.”* Para o Ministério do Turismo,

o Turismo Religioso configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas. Está relacionado às religiões institucionalizadas tais como as de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica, compostas de doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais e sacerdócio. A busca espiritual e a prática religiosa, nesse caso, caracterizam-se pelo deslocamento a locais e para participação em eventos para fins de peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, apresentações artísticas de caráter religioso, encontros e celebrações relacionados à evangelização de fiéis, visitação a espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros e a

realização de itinerários e percursos de cunho religioso e outros (Brasil, 2008:19).

No entanto, o público praticante do turismo religioso não é, necessariamente, constituído por religiosos, místicos, devotos, sacerdotes e profissionais de qualquer credo ou confissão religiosa. A diferença entre o turista religioso e o turista de outros segmentos do turismo é que o primeiro é, geralmente, motivado pela fé e sabe o que vai encontrar no lugar sagrado. No contato com o sagrado, o turista religioso procura a renovação da energia por meio da divindade. Entretanto, muitos deles apreciam atividades paralelas que ocorrem nos lugares santificados como a arquitetura ou as festas “profanas”.

Para que o turismo religioso ocorra, é imprescindível que haja motivações vinculadas às características culturais e naturais dos locais a serem visitados, além de uma boa infra-estrutura. Os lugares do turismo religioso são especiais. São Santuários. Podem ser naturais, metropolitanos, oficialmente sagrados ou festivamente profanos.

No Brasil, o turismo religioso tem apresentado um crescimento significativo. No entanto, ainda há muito que se explorar se considerada a dimensão territorial e as inúmeras manifestações culturais e religiosas existentes no território nacional. Em relação a Minas Gerais, Vitarelli (2001), sustenta que:

é especificamente em Minas Gerais, onde se comemoram datas religiosas como a Semana Santa, Corpus Christi, os jubileus, as festas de padroeiros e demais santos, que o turismo religioso pode conseguir um avanço condizente com uma de suas vocações. Atualmente, essa atividade vive um imenso desenvolvimento informal. Minas Gerais, além de ser o Estado onde se concentra o maior número de católicos, possui uma grande riqueza em manifestações religiosas, e por todo o Estado existem curandeiros, rezadeiras, médiuns, aparições de santas milagrosas, romeiros e demais manifestações místicas. No norte do estado existe uma forte presença de rezadeiras, curandeiros e credices em milagres atribuídos a Nossa Senhora e a outros santos; no leste, romeiros fazem penitência, carregando pedras na cabeça, pedindo chuva; no Triângulo, o médium Francisco Xavier é a

expressão máxima do espiritismo, e a cidade de nome Romaria recebe inúmeros visitantes; no sul, encontram-se as várias seitas e dois religiosos indicados para beatificação, Nhá Chica e Padre Vitor; restando ainda as cidades históricas, onde ocorrem autênticas manifestações católicas [...] (Vitarelli, 2001:25).

É importante ressaltar que o Ministério do Turismo (2008: 19) afirma que, se as viagens forem motivadas por um interesse cultural que seja traduzido pela apreciação estética do fenômeno ou do espaço religioso, essa viagem é considerada simplesmente como Turismo Cultural. Assim, destaca-se Moletta (1998) que afirma ser esse último, um tipo de turismo onde as pessoas se deslocam na busca de manifestações artísticas, científicas, históricas, culturais e religiosas.

O termo *cultura*, destacado no turismo cultural é entendido como algo natural, amplo e que abrange tanto a cultura própria do turista como o conjunto de hábitos, ideias e criações que ele pode ou não assimilar ao manter contato com novas realidades, costumes e valores espirituais diferentes. Assim, na maioria das vezes, as manifestações populares aproximam a religião do aspecto cultural.

No Brasil, as festas religiosas têm sua origem no calendário de romarias e devoções aos Santos e Santas europeus, herança portuguesa com influência da miscigenação com os índios e negros no Brasil colônia. Tais manifestações podem ser vistas tanto em vilarejos quanto em grandes cidades.

Alguns espaços sagrados de Minas Gerais

Para Ferreira (1986), o termo sagrado é utilizado para designar um espaço ou coisa que tenha recebido uma consagração devido à religião, aos ritos, ao culto ou a um Santo em particular. Para Steil (1996:23-24) “o espaço ganha uma função metafórica e se apresenta como um texto que possibilita o acesso às múltiplas interpretações sobre os quais se funda esta sociedade entre os homens, santos e anjos se encontram diretamente implicativos, através de diferentes formas de trocas e de convivências”.

A Serra da Piedade, localizada na divisa dos municípios de Sabará e Caeté, constitui-se para Ruchkys (2007), um referencial religioso

para muitas pessoas. As lendas que envolvem seu passado fazem com que há séculos, a Serra exerça fascínio sobre quem a avista. Despertou interesses, inclusive, de vários naturalistas e viajantes europeus em incursões pelo Brasil, no século XIX. Foram eles Saint-Hilaire, Spix, Martius e Eschewege, entre outros.

Segundo Ruchkys (2007) a Serra é a mesma Serra do Sabarabuçu e, portanto, está ligada às muitas lendas a respeito de riquezas minerais que alimentavam o imaginário de portugueses e bandeirantes. Outra lenda existente é descrita por Santos Pires (1902) citado por Ruchkys (2007). Nela, “a muda da Penha” foi uma menina muda de nascença, filha de uma piedosa família cristã. Depois de ter visto a Virgem Santíssima com Jesus nos braços no alto da Serra, voltou a falar imediatamente. Desde então, a lenda da aparição da santa tornou-se o motivo para a construção de uma capela por parte de Antônio da Silva Bracarena. Para compô-la, uma imagem de Nossa Senhora da Piedade foi trazida de Portugal. Bracarena desejava que a capela fosse um referencial para o andarilho penitente, ansioso por um local adequado para orar e aproximar-se de Deus (Ruchkys, 2007).

O valor religioso da Serra fez com que, em novembro de 1958, o Papa João XXIII consagrasse a imagem de Nossa Senhora do Santuário como a Padroeira do Estado de Minas Gerais. Todos os anos, na época e no dia da Festa da Padroeira (entre 15/Ago. e 7/Set.), um grande fluxo de devotos visita a Serra da Piedade (Figura 1).

Além disso, de acordo com Ruchkys (2007: 5) a Serra constitui um importante sítio geológico associado à história da exploração do interior do Brasil pelos bandeirantes e à evolução geoecológica da Terra. “*Apresenta exposições de Itabirito da Formação Cauê (Supergrupo Minas) que indicam mudanças na composição da paleo-atmosfera iniciadas na passagem do Arqueano para o Proterozóico*”.

Do mesmo modo, o subterrâneo pode se apresentar como um local adequado para as manifestações religiosas. Para Travassos et al (2008), poucos são os registros oficiais de cavernas religiosas, pois das quase 5.000 cavernas conhecidas, apenas cerca de 15 podem ser consideradas de destaque para o uso religioso.

Embora os estudos acadêmicos da Geografia da Religião associado às cavernas sejam relativamente novos, Rosendahl (2002) destaca que o interesse por essa dimensão religiosa da Geografia é bem mais antigo.

Originaram-se na Antiguidade Clássica, seguido de estudos de Vidal de La Blache e da Geografia Cultural de Sauer, do início do século XX, até os anos 60.



Figura 1 – Em “A” e “B” é possível observar o Crucifixo e os Romeiros no alto da Serra da Piedade (Foto A e C: Rose Lane Guimarães, 2008). Em “C”, detalhe da imagem de Nossa Senhora da Piedade (Foto B: Disponível em <www.champagnat.org/images/giovani/big/BrasilSerraDaPiedade.jpg>).

Provavelmente atraídos pela beleza cênica e pelos mistérios dos subterrâneos, as pessoas passaram a frequentar tais santuários em função dos supostos poderes sobrenaturais que emanam destes espaços. Para Barbosa, Nogueira & Neves (1999:73) “a gruta apresenta-se como um local apropriado para o encontro do sagrado, uma vez que ali se materializam todos os sinais da religiosidade, como o sacrifício, a esperança de dias melhores, a volta do salvador, o local para penitência, o depositário dos votos de fé”.

Um exemplo disso ocorre na Lapa de Antônio Pereira, localizada no distrito de Antônio Pereira (Ouro Preto). Tal caverna apresenta sinais de devoção religiosa e é tema de uma tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas. Travassos et al. (2007) afirmam que, no local, existe a estória de que uma imagem da Santa foi encontrada na gruta por crianças que brincavam no seu entorno. Desde então, passaram a ser realizadas aí, missas mensais, festas religiosas próximas ao dia da Padroeira, procissões e missa no dia da Padroeira (15 de Agosto) (Figura 2).

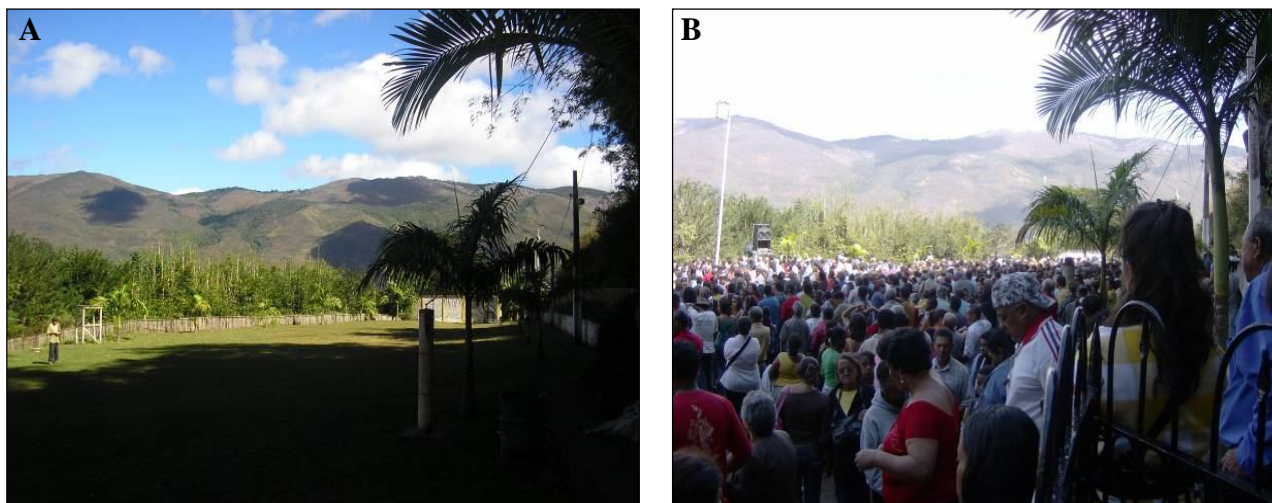


Figura 2 – Em “A” é possível observar o espaço a ser ocupado pelos romeiros. Em “B”, romeiros reunidos no dia 15 de agosto de 2008 em frente à gruta de Nossa Senhora da Lapa, Antônio Pereira (Foto: Rose Lane Guimarães, 2008).

Para Paula et al. (2007:3), nas proximidades do altar principal, existe um pequeno conduto com um escoamento de calcita. “A este espeleotema é atribuído à imagem de Nossa Senhora da Conceição.” (Figura 3). Tal escoamento o qual os fiéis e romeiros atribuem valor, nos remetem as ideias de Mendes (2003) citado por Travassos (2007, p.31) quando afirma que cada sociedade cria seu imaginário como um meio de exprimir “(...) seu temperamento, seu caráter, suas dúvidas e anseios, na tentativa de dar um sentido de totalidade à existência humana. Tal fato leva as pessoas a compartilharem a mesma forma de pensar”.

Assim como as cavernas, uma mina subterrânea também pode se apresentar como um campo fértil para manifestações religiosas. É o que se observa na Mina de Passagem de Mariana, entre tantas outras no mundo.

No caso desse trabalho, por se tratar principalmente do estado de Minas Gerais, destaca-se a Mina de Passagem de Mariana, no município de Mariana, a cerca de 105 km de Belo Horizonte, na porção sudoeste do Quadrilátero Ferrífero. O sítio é uma antiga mina de ouro que é, atualmente, a maior mina de ouro aberta a visitação do mundo. O acesso é realizado por um pequeno *trolley*, uma espécie de vagão com bancos (Figura 4), que

leva as pessoas a mais de 120m de profundidade (Ruchkys, 2007).

Em seu interior, foi colocada uma imagem de Santa Bárbara, padroeira dos mineiros, sincretizada na religião afro-brasileira com *lansã*. Em homenagem à Santa fora colocado ao lado da imagem, uma mesa para depósitos de oferendas. Materiais como flores, bijuterias, vidros de perfumes, velas, batons, entre outros, podem ser identificados. Ali se materializam todos os sinais da religiosidade, quando o indivíduo deposita os anseios religiosos e as experiências de vida (Figura 5).

Além disso, a mina possui um rico patrimônio geológico visto que segundo Ruchkys (2007:143) “os corpos de minério de Passagem estão inseridos no Supergrupo Minas, na zona de contato entre a Formação Cauê, no topo, e o Grupo Caraça (Formação Moeda e Batatal) ou Grupo Nova Lima (Supergrupo Rio das Velhas). A Mina de Passagem encontra-se estruturada no Anticlinal de Mariana, localizando-se no flanco sul dessa estrutura”.

Segundo Ruchkys (2007) a mina constitui um bom exemplo de iniciativa de valorização e utilização de minas antigas para ao geoturismo, atividade já bastante difundida em muitos países.



Figura 3 – À esquerda é possível observar um detalhe do altar e da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. À direita, destaca-se o local onde o escoamento de calcita é venerado como a imagem da Santa. Observa-se que o mesmo é protegido por uma moldura de vidro.
(Foto: Luiz E.P. Travassos, 2006)



Figuras: 4 – Detalhe do *troller* que permite o acesso dos turistas na Mina de Passagem de Mariana, Minas Gerais (Foto: Ursula Ruchkys de Azevedo, 2007); 5 – Detalhe do altar de Santa Bárbara no interior da Minas de Passagem de Mariana, Minas Gerais (Foto: Rose Lane Guimarães, 2009).

Considerações finais

De forma geral, o trabalho destacou a relação humana com alguns espaços sagrados do estado de Minas Gerais. Foram identificados montanhas, cavernas e minas subterrâneas que são utilizadas pelo geoturismo e pelo espeleoturismo.

A partir da revisão de literatura sobre o geoturismo e o turismo cultural, buscou-se identificar sua importância para o uso consciente de espaços naturais, bem como foram aplicados conceitos geográficos para a compreensão da relação humana com tais espaços.

Chama-se a atenção para a relevância do trabalho no sentido contribuir para a inserção da temática do uso religioso do Patrimônio Geológico, principalmente, para sua conservação e contribuição para o desenvolvimento social das comunidades do entorno.

Ressalta-se que não foi intenção dos autores esgotar o tema e sim, inserir a temática nos trabalhos acadêmicos atuais. Em função da linha editorial do periódico, destaca-se a importância dos trabalhos que enfatizem o uso cultural do subterrâneo.

Referências

- Andrade, J. V. de. 2004. *Turismo: fundamentos e dimensões*. São Paulo, Editora Ática.
- Barbosa, E.P., Nogueira, K.A.B., Neves, N.G.S. 1999. Caverna, história e tradição popular no sertão baiano. In: Congresso Brasileiro de Espeleologia, 25, 1999. Vinhedo-SP, Grupo Trupe Vertical, *Anais....* 69-75.
- Brasil. Ministério do Turismo. 2008. *Turismo cultural: orientações básicas*. 2. ed. Brasília, Ministério do Turismo.
- Brito, A. G. 2008. *As montanhas e suas representações através dos tempos: buscando significados*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. 110p.
- Guimarães, R.L., Travassos, L.E.P., Varela, I.D. 2007. Cavernas e Religião: A Gruta da Macumba em Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil. In: Congresso Brasileiro De Espeleologia, 29, 2007, Ouro Preto. *Anais...* 1 CD-ROM. s.p.
- Nascimento, M.A.L., Ruchkys, U. de A, Mantesso Neto, V. 2008. *Geodiversidade, geoconservação e geoturismo: trinômio importante para a conservação do patrimônio geológico*. Sociedade Brasileira de Geologia.
- Nascimento, M.A.L., Ruchkys, U. de A, Mantesso Neto, V. 2007. Geoturismo, um novo segmento do turismo no Brasil. *Global Tourism*, 3 (2): 41-64.
- Rosendahl, Z. 2002. Geografia da Religião: uma Proposição Temática. *GEOUSP*. São Paulo, 11: 9-19.
- Ruchkys, U. de A. 2007. *Patrimônio geológico e geoconservação no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais: potencial para criação de um geoparque da UNESCO*, 211p.
- Ruchkys, U. de A, Renger, F.E., Noce, C. M., Machado, M.M.M. 2007. Serra da Piedade, Minas Gerais: da lenda do Sabarabuçu ao patrimônio histórico, geológico, paisagístico e religioso. In: Carlos Schobbenhaus; Diógenes de Almeida Campos; Emanuel Teixeira de Queiroz; Manfredo Winge; Mylene Luíza Berbert Born. (Orgs.). *Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil*. Brasília, Ministério de Mnas e Energia; DNPM; CPRM; SIGEP, v. II, p. -.
- Ruchkys, U. de A. et al. 2005. *Definição de percursos geoturísticos na APA Carste de Lagoa Santa, Minas Gerais: aliando educação e turismo*. Belo Horizonte.
- Silveira, E.J.S. 2004. Turismo Religioso Popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado. *Revista de Antropologia Experimental*. Espanha, 4: 1-16, Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=852475&orden=15584&info=link>. Acesso em 24 abr 009.
- Steil, C. A. 1996. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia*. Petrópolis: Vozes.
- Tkaczynski, A.; Rundle-Thiele, S. R.; Beaumont, N. 2009. Segmentation: A tourism stakeholder view. *Tourism Management*, 30, 169–175.
- Travassos, L.E.P., Góis, A.J., Guimarães, R.L., Varela, I.D. 2008. A Gruta de São Cosme e Damião e a Umbanda, Cordisburgo, Minas Gerais. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, 1 (2):165-172

- Travassos, L.E.P. 2007. *Caracterização do carste da região de Cordisburgo, Minas Gerais*, 2007. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial. 96p.
- Travassos, L.E.P. 2009. A caverna do eremita, Parque Kozjansko, Eslovênia. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, 2(1): p.17-25.
- Travassos, L.E.P., Varela, I.D., Rodrigues, E.R. & Guimarães, R.L. 2007. A Festa Religiosa de Nossa Senhora da Lapa, Antônio Pereira, Minas Gerais. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 2007, Ouro Preto. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Espeleologia. Campinas/Ouro Preto, SBE/UFOP.
- Tuan, Y. 1983. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, Difel.
- Vitarelli, Flávio. 2001. O turismo religioso da Mesopotâmia a Minas Gerais. *Revista Sagarana – turismo e cultura em Minas Gerais: Belo Horizonte*,2(5): 20-25.
- Walton, J.K. 2009. Prospects in tourism history: Evolution, state of play and future developments. *Tourism Management*, 30, 783–793.
- Westwood, J. 1995. Tai Shan: uma montanha sagrada chinesa. In: Westwood, J. *Atlas do extraordinário*. v.1. Lisboa, Edições Del Prado.
- Westwood, J. 1995. Santiago de Compostela: o santuário de São Tiago. In: Westwood, J. *Atlas do extraordinário*. v.1. Lisboa, Edições Del Prado.



A revista *Espeleo-Tema* é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE).
Para submissão de artigos ou consulta aos já publicados visite:

www.sbe.com.br/espeleo-tema.asp
